

**O BLEFE DE
UM BILHÃO
DE DÓLARES**

CAP. DE ANTOGRA

CAP. DE AMOSTRA

TOM WRIGHT &

BRADLEY HOPE

O BLEFE DE UM BILHÃO DE DÓLARES

**O HOMEM QUE ENGANOU
WALL STREET,
HOLLYWOOD e o MUNDO**



ALTA BOOKS
E D I T O R A
Rio de Janeiro, 2019

CAP. DE AMOSTRA

PARTE I

**A INVENÇÃO DE
JHO LOW**

CAP. DE AMOSTRA

CAP. DE AMOSTRA

Capítulo 1

Fotos Falsas

Penang, Malásia, verão de 1999

Enquanto caminhava pelo *Lady Orient*, um iate de quase 50m ancorado na marina do governo na Ilha de Penang, Jho Low periodicamente se certificava de que não estava sendo observado. Guardava no bolso fotos de sua família: seu pai, Larry Low, um empresário que ganhara milhões de dólares por meio de seu trabalho em uma fábrica local de roupas; sua mãe, Goh Gaik Ewe, uma orgulhosa dona de casa que amava seus filhos; e seus dois irmãos mais velhos. Ao encontrar as fotos do dono do barco, um bilionário que morava em Penang, ele retirou-as de suas molduras, substituindo pelas da própria família. Posteriormente, fez o mesmo na casa de veraneio da era colonial britânica em Penang Hill, que também havia pegado emprestada do bilionário amigo da família Low.

De Penang Hill, coberta pela floresta tropical, Low avistava George Town, a capital colonial britânica, nomeada em homenagem a George III, um labirinto de mansões brancas e sobrados chineses em ruínas. Mais além, observavam-se os estreitos que separavam a Ilha de Penang da Ásia continental. Situada na foz do Estreito de Malaca, uma importante rota marítima que liga a Europa e o Oriente Médio à China, Penang atraiu sua cota de aventureiros, de oficiais coloniais britânicos a comerciantes chineses e diversos oportunistas. As ruas se enchiam com os cida-

dãos de Penang, em sua maioria sino-malaios, que gostavam de comer nas barracas de rua ou passear pelas calçadas à beira-mar.

O avô de Low saiu da China e foi parar, passando pela Tailândia, em Penang em 1960, onde a família conseguiu juntar uma pequena fortuna. Para os padrões, eles eram uma família rica, mas Low passou a frequentar o Harrow, um colégio interno de elite na Inglaterra, onde as famílias de alguns de seus colegas tinham fortunas avaliadas em bilhões, e não em meros milhões.

As ações de Larry na empresa de roupas, as quais vendera recentemente, valiam cerca de US\$15 milhões — uma quantidade significativa para o povo do Sudeste Asiático, onde muitos viviam com US\$1 mil por mês. Low foi para o colégio interno em 1998 cursar os dois últimos anos do ensino médio e começou a se enturmar com membros das famílias reais de Brunei e Kuwait. A casa de Low, uma moderna mansão cercada por palmeiras na costa norte de Penang, era imponente e tinha o próprio sistema de ar-condicionado central, mas não era um palácio real.

Em poucos dias, alguns de seus novos amigos do colégio o visitariam. Ele os convencera a passar parte de suas férias de verão na Malásia, e não via a hora de impressioná-los. Assim como seu pai elevara a posição de sua família, ganhando dinheiro suficiente para enviar o filho para um dos colégios internos mais caros do mundo, Low também tinha ambições. Ele se sentia um pouco desconfortável com o fim de mundo que era Penang, e usava o barco e a casa de veraneio para compensar. Seus amigos do Harrow não faziam ideia. Por ser rechonchudo e usar óculos, não atraía as mulheres com facilidade, então fazia de tudo para ser respeitado de outras formas. Ele disse para seus amigos do colégio que era um “príncipe da Malásia”, em uma tentativa de se igualar ao círculo social de “sangue azul”.

Na realidade, os chineses do país, como os Low, não eram aristocratas, mas comerciantes que chegaram em grandes fluxos nos séculos XIX e XX. A maioria dos 30 milhões de malaio eram muçulmanos, que geralmente tratavam os chineses como recém-chegados, mesmo que suas famílias habitassem a Malásia há gerações. Alguns chineses mais antigos de Penang se questionavam sobre esse garoto estranho. Depois da visita dos amigos do colégio, a história das fotos e as afirmações de Low sobre sua linhagem aristocrática começaram a circular pela ilha. As pessoas riram da audácia extrema. *Quem esse garoto achava que era?*

Na década de 1960, a Ilha de Penang era um lugar caindo aos pedaços. Os britânicos concederam a independência à colônia malaia — um território tropical do Sudeste Asiático abundante em estanho e óleo de palma — em 1957, após uma guerra inconclusiva e arrasadora contra um levante comunista. Os comunistas esperaram pacientemente em seus redutos na selva próxima à fronteira tailandesa, e logo iniciaram a guerrilha de um ano contra as forças despreparadas da recente nação malaia. Meng Tak, avô de Low, conhecia muito bem essa região fronteira e sem lei. Ele partira de sua terra natal Cantão, na China, na década de 1940 — época muito turbulenta por conta da Segunda Guerra Mundial, da ocupação japonesa e da guerra civil, que fez com que muitos fugissem do país — e se estabeleceu no sul da Tailândia, próximo à Malásia. Antes de retornar a Penang, na década de 1960, lucrou como investidor minoritário em minérios de ferro, e casou-se com uma nativa de ascendência chinesa.

A família Low morava em um humilde bangalô na capital de Penang, a alguns quarteirões das residências e armazéns colonados, vestígios da era britânica na orla rodeada de palmeiras. Muitos chineses imigraram para Penang na era colonial para comercializar matérias-primas como estanho e ópio, um narcó-

tico cuja venda fora monopolizada pelos britânicos, mas que se tornara ilegal. Havia boatos sombrios em George Town sobre a origem do dinheiro de Meng Tak. Moradores mais antigos recordavam que ele tinha uma loja de utensílios de cozinha. Talvez a história da mineração fosse parte da verdade. Outros espalhavam o boato de que ele ganhara dinheiro contrabandeando ópio na fronteira.

Para cada versão da história da família Low, havia um relato diferente. Décadas depois, Low contava a própria história sobre Meng Tak, uma invenção para explicar sua enorme riqueza, a qual, dizia para quem quisesse ouvir, era fruto dos investimentos do avô em mineração, comércio de bebidas e propriedades. Havia apenas um problema: quase ninguém na Malásia — nem mesmo os principais banqueiros e empresários — tinha ouvido falar dessa família extraordinariamente rica. Com o pai de Low, Larry, a história da família se torna mais conhecida.

Nascido na Tailândia em 1952, Larry Low se mudou ainda criança para Penang, estudou na Escola de Economia de Londres e na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde fez MBA. Ao retornar à Malásia, assumiu os negócios de Meng Tak. Apesar da formação conceituada, na década de 1980, fez um investimento desastroso em plantações de cacau que quase levou a família à falência. Após os preços das commodities caírem, ele usou o dinheiro que sobrou para adquirir uma participação minoritária na MWE, uma empresa de roupas que exportava para os EUA e a Europa. Foi aí que Larry tirou a sorte grande.

A década de 1990 foi um “vale-tudo” para o emergente mercado de ações malaio. As economias dos “Tigres Asiáticos”, como Coreia do Sul e Tailândia, desenvolveram-se com rapidez a partir de 1960, e agora era a vez de outros países asiáticos. A economia da Malásia crescia mais de 5% ao ano, incentivada pela exportação de óleo de palma, vestuário, chips de computador e apare-

lhos eletrônicos. Atraídos pelo intenso crescimento, investidores estrangeiros injetaram muito dinheiro em ações e títulos malaios. Mas não havia fiscalização. Os investidores com informações privilegiadas burlaram a legislação de valores mobiliários, seguindo o exemplo dos abusos de personalidades dos anos 1980, como Michael Milken, o rei norte-americano dos títulos de alto risco, e o insider trader Ivan Boesky. Os malaios que sabiam como manipular o sistema enriqueceram bastante, enquanto os acionistas minoritários se viam em desvantagem.

Quem trabalhava com Larry o considerava um negociador astuto e encantador, embora fosse um pouco preguiçoso, preferindo beber até tarde em boates do que trabalhar; ainda assim, usufruía da subida das ações da MWE. No início da década de 1990, a aquisição de uma empresa de tecnologia pela MWE resultou em uma supervalorização, e Larry deu um jeito de colocar parte do excedente de liquidez em sua conta no exterior.

Na época, usar esse tipo de conta, que normalmente pertencia a empresas de fachada sediadas em lugares como as Ilhas Virgens Britânicas, era prática comum das empresas malaias. Os filhos aprenderam com o pai sobre esse mundo secreto das finanças, e May-Lin, irmã de Low, tornou-se uma advogada especializada em veículos de investimento estrangeiros.

Quando o sócio da MWE descobriu o desvio de dinheiro, ficou furioso e, logo depois, Larry vendeu sua participação. Mas havia um lado bom: o aumento do preço das ações da MWE nos anos 1990 fez com que a família Low ficasse milionária.

Com dinheiro de sobra, Larry, agora na casa dos 40 anos, cedeu ao desejo de festejar. Para uma festa em um iate, providenciou a vinda de modelos suecas a Penang, o tipo de coisa que seu filho ficaria famoso por fazer. A família era poderosa para a pequena cidade — e agia como tal. Larry dirigia um Lexus e era membro do Penang Club, um exclusivo clube esportivo funda-

do pelos britânicos em 1868, cujos associados incluíam famílias empreendedoras famosas e políticos da ilha. O Low mais novo nadava muito bem e costumava dar braçadas na piscina perto do mar antes de jantar comida chinesa com a família.

Porém, Larry via a situação como algo provinciano e tinha ambições de elevar a posição social da família. Então, em 1994, transferiu Low, que estava com 13 anos, da escola local para a Uplands, escola internacional que preparava os filhos dos ricos de Penang para o colégio interno na Grã-Bretanha. Muitos dos malaios da elite foram educados na antiga potência colonial, e o Reino Unido ainda era o local de escolha para estudar fora.

Larry Low escolheu criar raízes na Inglaterra. Nessa época, o empreendimento de um novo condomínio fechado no sofisticado bairro de South Kensington foi divulgado na Malásia. Alguns dos políticos malaios mais poderosos tinham casas no complexo residencial Kensington Green, e Larry pressentiu que se aproximar deles seria vantajoso para sua família ambiciosa, então comprou um apartamento, no qual sua família passava férias, o que lhe deu a oportunidade de conhecer a prole da elite malaia. A sagacidade de Larry em relação ao prestígio social pareceu contagiar seus filhos, que começaram a forjar amizade com Riza Aziz, um universitário cuja família também tinha imóvel em Kensington Green. O padrasto de Riza era o ministro da defesa Najib Razak, cotado para futuro primeiro-ministro. Riza era alguns anos mais velho e seria essencial para que Low entrasse nos altos escalões da estrutura de poder da Malásia.

De volta a Penang, Larry mandou construir uma linda mansão bege na colina nos arredores de George Town que poderia muito bem estar nas ruas de Miami, por conta de sua elegante estrutura de aço e vidro. A construção moderna era uma evolução em relação à casa um tanto humilde de Meng Tak.

Enquanto Larry aproveitava a vida da alta sociedade, o adolescente Jho Low se ocupava explorando o emergente mundo online. Low passava horas no computador, escondendo-se no anonimato da web. Ele começou a inventar mentiras, oferecendo-se em uma sala de bate-papo para ser modelo “em qualquer lugar do mundo”. No fórum de discussão, Low se descrevia como “musculoso, um corpo bem distribuído”, mas não recebia ofertas de trabalho. Uma foto de turma de 1994 mostra Low como um franzino estudante de ensino fundamental, com uma camisa branca de mangas curtas e short azul, um corte de cabelo impecável, mas sem estilo. Sua atividade online sugeria um desejo de ser descolado. No bate-papo, pedia recomendações de músicas techno hardcore ou perguntava quais cortes de cabelo estavam na moda em diferentes países.

Embora tenha passado férias na Inglaterra, Low se identificava mais com a cultura norte-americana, o que era típico dos jovens malaios. Um de seus programas favoritos era *Arquivo X*, e ele trocava fotos de Mulder e Scully com outros fãs na internet. Desde a venda da MWE, Low começou a pesquisar e a se interessar por investimentos imobiliários e mercado de ações. Assistia a filmes hollywoodianos como *Wall Street — Poder e Cobiça* sem parar, com sua trama sobre insider trading e golpes corporativos. Na Uplands, fazia “vaquinha” com os colegas para investir no mercado de ações, mesmo com apenas 15 anos. Muitos adultos se lembram de Low como tranquilo e respeitoso, mas hábil em usar esse encanto para conseguir o que queria. Às vezes, ele pegava dinheiro emprestado dos amigos de Larry, muitos deles ricos empresários, e depois não devolvia.

Larry arquitetava a etapa seguinte da ascensão familiar. Tinha um apartamento em Londres e a elegante mansão em Penang. O irmão mais velho de Low, Szen, estudara na conceituada Sevenoaks, na Inglaterra. Agora, o pai estava prestes a mandar o filho mais novo para um dos principais colégios internos do mundo, o que inseriu Low no seletivo grupo dos mais ricos do mundo.

Por décadas, o colégio Harrow, localizado em uma bucólica colina a noroeste de Londres, formara primeiros-ministros britânicos como Sir Winston Churchill, mas no final da década de 1990 atraía os novos ricos da Ásia e do Oriente Médio. Para os malaios endinheirados, o Harrow da época tinha fama de ser mais fácil de entrar do que o Eton, outro dos melhores colégios internos da Grã-Bretanha, mas ainda era um meio rápido e eficaz de conseguir uma vaga em Oxford ou Cambridge e fazer contatos. Para gastar menos, os malaios normalmente optavam pelos dois últimos anos do ensino médio — para se preparar para o vestibular — e foi o que Larry decidiu para o filho.

Em 1998, Jho Low, com 16 anos, chegou no Harrow, onde algumas das instalações datam de 1600. Em Penang, o uniforme da Uplands era uma camisa de mangas curtas e calça social. No Harrow, os estudantes tinham que vestir blazer, gravata e, para complementar, um chapéu palheta bege. A escola custava mais de US\$20 mil por ano, mas, para os Low, era um investimento válido.

No Harrow, Low prosperou como membro da Newlands, uma das 12 casas do colégio com 70 ou mais estudantes. Os alunos da Newlands, que incluíam membros da família Rothschild, a dinastia bancária anglo-francesa, habitavam um prédio individual de tijolo à vista de quatro andares que datava de 1800, parecido com a mansão de um empresário abastado da era vitoriana. Low se enturmoura facilmente com novos amigos de famílias reais do Oriente Médio e da Ásia, e, embora fosse relativamente rico, ficou impressionado com o quanto eram ricos. Incluindo o filho do sultão de Brunei, um pequeno país rico em petróleo e vizinho da Malásia, que era buscado por motoristas em carros Rolls-Royce ao final do semestre.

Inserido nesse novo círculo social da elite, Low começou a manifestar um lado mais destemido de sua personalidade. Ele se esgueirava pelos corredores da biblioteca com estudantes que tinham uma miniroleta e apostavam pequenas quantias de di-

neiro. Certa vez, conseguiu o papel timbrado da Embaixada de Brunei e forjou uma carta para a Chinawhite, a famosa boate perto da Piccadilly Circus, que, nos anos 1990, era um dos lugares mais badalados da cidade. Na carta, supostamente enviada pela equipe da embaixada, Low solicitava reservas para os membros da família real de Brunei. A estratégia deu certo, e os menores de idade foram festejar com modelos e jogadores de futebol da principal competição da Inglaterra, a Premier League.

Foi uma lição de que poder e prestígio — ou pelo menos aparentá-los — abrem oportunidades. Entre seus amigos, Low ganhou a reputação de alguém capaz de fazer acontecer. Fazia as reservas e recolhia o dinheiro no momento de pagar a conta, dando a impressão de que era ele quem estava bancando. Ele se tornou o intermediário, ficando próximo daqueles que realmente tinham poder, e isso fez dele o centro das atenções.

No apartamento de Kensington Green, Low passava grande parte das férias com Riza Aziz. Ele sabia que os políticos malaios, como o padrasto de Riza, que não recebiam altos salários, não podiam se dar ao luxo de morar em casas de milhões de libras no bairro mais sofisticado de Londres. Todos sabiam que o partido malaio no poder, o UMNO [Organização Nacional dos Malaios Unidos, sigla em inglês], exigia propina das empresas para fazer concessões, de licenças para jogos de azar a contratos de infraestrutura. Muitas dessas empresas eram comandadas por sino-malaios, como os Low. A situação despertou nele um relativismo moral. Se todos estavam se beneficiando, qual era o problema?

Depois do Harrow, Low optou por fazer faculdade nos EUA em vez das tradicionais Oxford e Cambridge, escolha influenciada por suas ambições profissionais. Lá, em um dos campus de uma das faculdades da Ivy League, ele entraria no estágio seguinte de sua metamorfose.

Capítulo 2

O Grande Gatsby Asiático

Filadélfia, novembro de 2001

Low analisava o ambiente da boate que tinha alugado para seu 20º aniversário — Shampoo, uma das mais populares da Filadélfia. Ele concordara em pagar cerca de US\$40 mil por uma festa a portas fechadas com bebidas e comidas incluídas, o que dava um ar de exclusividade. Em seu segundo ano, Low passara semanas percorrendo a lista de estudantes da Universidade da Pensilvânia. Ele telefonara para as presidentes das fraternidades para garantir que a boate estivesse cheia de mulheres requisitadas. Não era uma noite universitária comum de beer pong, e todo mundo apareceu, desde os atletas e artistas aos estudantes estrangeiros. O bar estava abastecido com champanhe suficiente para que nenhum copo ficasse vazio.

Embragado e dançando timidamente com as batidas da música, sob um gigantesco globo espelhado, Low ficava de conversa fiada com as mulheres, perguntando se estavam gostando da festa. Ele parecia extremamente ansioso para agradar. Em certo momento da noite, uma modelo que vestia só um biquíni feito de folhas de alface atravessou a pista de dança e deitou sobre o balcão do bar. A equipe de garçons cobriu seu corpo seminu com sushis, para os convidados comerem com hashi. Low apreciava o espetáculo, sorrindo enquanto a multidão gargalhava alto.

Entre si, os festeiros daquela noite se referiam a Low como o “Grande Gatsby Asiático”, uma referência a como o anfitrião parecia observar as próprias festas, em vez de participar delas. Assim como Jay Gatsby, as origens de Low eram misteriosas. Os convidados sentiam necessidade de conversar com seu benfeitor, mas o papo era formal e não fluía. Ele era simpático o suficiente, mas realmente não tinha nada de interessante a dizer, preferindo garantir com insistência a satisfação dos convidados. *Você gosta desse champanhe? Como está o sushi?* Ele não dava em cima das mulheres como os outros estudantes faziam em suas festas. Na verdade, ele não estava sequer flertando.

Pela reputação em formar importantes financiadores, Low escolheu a Wharton School, a escola superior com foco em administração da Universidade da Pensilvânia, cujos ex-alunos incluíam Warren Buffett e Donald Trump. Por US\$25 mil por ano, os discentes do departamento de economia, no qual Low estudava, aprendiam a mecânica do capitalismo. Muitos de seus colegas, estudantes ricos de todas as partes do mundo, idealizavam uma carreira em Wall Street. Em vez de macroeconomia, Low optou por se formar em economia, mas não tinha planos de seguir uma carreira comum no setor bancário. O malaio se esforçou em seu primeiro ano — ele aprendia rápido e tinha uma memória extraordinária —, mas começou a enxergar a Wharton principalmente como um lugar de socialização e fonte de contatos.

Aquela noite na Shampoo — assim como todas as outras que ele organizaria ao longo dos 15 anos seguintes em boates e cassinos pelo mundo — era pura encenação, arquitetada por Low para impressionar. Com certeza, ele gostava de festejar e de ter lindas mulheres por perto, mas, acima de tudo, isso era um investimento que fazia com que ele parecesse bem-sucedido e insubstituível. Era por isso que, antes da noite na Shampoo, ele fizera uma exigência ostentosa: os panfletos da festa deveriam conter JHO LOW, em letras grandes, ao lado dos nomes das fraternidades.

Low distribuiu dois tipos de convite, padrão e VIP, que prometia um “open bar de alta qualidade” como cortesia e informava quais ônibus faziam o trajeto do campus para a boate. Ele percebeu que as pessoas desejam se sentir importantes, parte de um seletivo grupo, e usou isso a seu favor. “Traje elegante obrigatório. Não será permitido calça jeans nem tênis”, dizia o convite.

Sem dúvida, Low era rico, com uma fortuna familiar de milhões. Enquanto estudava na Wharton, era normal que Larry Low lhe enviasse dezenas de milhares de dólares para custear as viagens de jogatina em Atlantic City e pagar as festas. O dinheiro era presente de um pai rico e atencioso, que garantia que Low construísse sua reputação entre os filhos das famílias influentes que estudavam em Wharton. Porém, mesmo com o apoio do pai, Low gastou mais do que podia com a noite na Shampoo. O que seus convidados não sabiam era que ele havia adiantado apenas uma parte dos custos da festa e que, depois, parou de pagar o que faltava para os donos da boate, pechinchando por meses antes de finalmente quitar o débito com um considerável desconto.

Low passou a convidar os membros das fraternidades e seus amigos da Ásia e do Oriente Médio para a jogatina, alugando limousines para a viagem até Atlantic City. O grupo jogava com frequência no Trump Plaza Hotel and Casino, apostando centenas de dólares por mão. Low até convidou Ivanka Trump, na época estudante da Wharton. Ele disse a seus amigos que ela recusara o convite sob o pretexto de que jamais pisaria em um dos cassinos “repugnantes” do pai. O grupo retornou a Atlantic City diversas vezes, e Low, a certa altura, tinha juntado cerca de US\$200 mil, mas perdeu tudo em uma noite eletrizante de jogatina em 2002. Os que estavam com ele ficaram chocados com sua atitude arrogante ao apostar o equivalente a um ano de mensalidade. Esse cara, pensaram, deve ter dinheiro para rasgar.

O malaio tinha a própria maneira de construir sua marca. Ele escrevia artigos sobre o mercado de ações para o *Wharton Journal*, o jornal universitário da escola de administração. Um dos artigos de Low, na edição de 6 de novembro de 2000, alegava que a Enron não mais era uma empresa conservadora de gasoduto, mas uma empresa financeira rentável que estabelecera novos mercados de commodities. O artigo foi publicado somente um ano antes de a Enron entrar em colapso com um escândalo fiscal, que colocou seus principais executivos na cadeia. Entretanto, esse não era o único motivo do equívoco de Low; muitos banqueiros caíram nas mentiras da Enron. Low havia plagiado vários trechos de seu artigo, literalmente, de um relatório do Salomon Smith Barney. Ele escreveu muitos outros, copiando grande parte deles de relatórios de analistas de Wall Street. De alguma forma, os editores do jornal deixaram isso passar, e Low começou a adquirir uma reputação de analista de investimento, apesar de ser só um calouro sem nenhuma experiência em análise financeira.

Ele começou a adotar uma postura de prodígio rico. Pelo campus, dirigia um Lexus SC-430 conversível vinho alugado, que dizia que era dele. Propositalmente, não desmentiu os boatos de que era um “príncipe da Malásia”, uma afirmação que fazia os outros estudantes malaios caírem na risada. Low interpretava um papel — e não era somente para superar alguma insegurança do passado provinciano, mas para se inserir no círculo social apropriado. Ele identificou os alunos mais ricos e tentou se aproximar deles. Conheceu Hamad Al Wazzan, filho de um magnata kuwaitiano da construção e da energia, e ficou amigo de estudantes das ricas monarquias do Golfo.

Paralelamente a essa aspiração social, existia outro Low, cujos amigos eram de origem mais humilde, e com os quais ele passava o tempo no dormitório, comendo baldes de frango frito do KFC e assistindo a filmes pirateados da Malásia. O grupo incluía Seet Li Lin, um singapurano muito inteligente que ti-

nha bolsa de estudos do governo na Wharton. Com Seet e seu grupo, Low era autêntico. Eles assistiam a lutas de boxe na TV a cabo, Low confortavelmente em um largo agasalho; e passavam noites ocasionais em um clube de striptease da Filadélfia, chamado Delilah's, ou em um dos bares dos atletas no campus. A certa altura, Low namorou uma dançarina exótica do clube de strip, a quem enchia de presentes. Ele tinha fantasias com loiras famosas, como Paris Hilton e Britney Spears, e assistiu ao filme de estreia de Hilton, *A Casa de Cera*, umas seis vezes, o que irritava os colegas de quarto.

Com seu jeito manso de falar, quase inaudível às vezes, era difícil perceber que se estava caindo na lábia de Low. Em 2003, ele convenceu os amigos árabes a ajudá-lo a organizar uma viagem pelo Oriente Médio, para que fosse apresentado às famílias mais ricas e às empresas mais influentes. Low tirou um semestre de férias e foi para o Kuwait, onde Al Wazzan organizou reuniões com empresários e membros de hierarquia inferior da realeza.

Então, em Abu Dhabi, em uma dessas reuniões — possibilitada por anos de networking impulsionado por dinheiro —, Low fez uma conexão que mudaria o rumo de sua vida.